

ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO EM DOMICÍLIO DE DESCENDENTES DE JAPONESES EM MARINGÁ (PR)

Elaine Teixeira Yamashita
elainetyamashita@yahoo.com.br
PIBIC/ CNPq
UEL
Graduanda
Elisa Massae Sasaki
Doutora – UNICAMP
Professora visitante UFRJ
Martha Ramírez-Gálvez
Doutora – UNICAMP
Professora asjunta UEL

Esta pesquisa vem contribuir para a compreensão da relação homem-animal de estimação no Brasil contemporâneo e urbano. Seu ponto de partida se deu mediante a análise de um formulário complementar sobre posse de animais de estimação entre 282 domicílios de descendentes japoneses em Maringá (PR), incluído na pesquisa quantitativa “As redes sociais nas migrações internacionais: os migrantes brasileiros para os EUA e Japão”, realizada no ano de 2001. O objetivo desta pesquisa foi tabular e analisar esses dados. Por ser uma pesquisa exploratória pode-se analisar a quantidade de lares que possuíam animais de estimação, quais as espécies adotadas e quais as formas que foram adquiridos. Buscou-se neste estudo compreender o universo simbólico que permeia o processo de nomeação de animais de estimação do grupo pesquisado.

Palavras-chave: espécies companheiras; nomes; relações inter-espécies.

INTRODUÇÃO

A interação afetiva entre humanos e seus animais de estimação é marcante na sociedade contemporânea, estas se dão em maior escala com cães e gatos, porém além desses animais, existem muitas outras espécies que são comercializadas como animais de estimação, como por exemplo, porquinhos-da-índia, hamsters, pássaros, peixes, tartarugas e alguns mais exóticos, como cobras, aranhas, iguanas, todos comercializados legalmente e de forma regular.

Pode-se então afirmar que o que dá ao animal o estatuto de estimação ou companhia, seriam os sentimentos de afetividade e de estima que o dono nutre por seu bicho,

independente de sua espécie, visto que mesmo animais comumente criados com finalidade de abate podem-se tornar animais de estimação (DANTAS, 2012).

Alguns dados apontam que no ano de 2009, 60% dos domicílios brasileiros possuíam, pelo menos, um animal de estimação, o que segundo algumas estimativas representa 32 milhões de cães e 16 milhões de gatos domiciliados, indicando que existe um cão domesticado para cada 6 habitantes e um gato para cada 16. Esses dados inserem o Brasil no segundo lugar quanto ao número absoluto de cães e gatos, atrás apenas dos Estados Unidos (DOMINGUES, 2012)²⁶⁰.

Percebe-se o impacto social desta coabitação humano/animal de estimação nos grandes centros urbanos observando o crescimento, mudança e diversificação do mercado pet, ou seja, aquele voltado para animais de companhia. Se até pouco tempo atrás as rações eram vendidas em lojas agropecuárias, agora existem lojas especializadas neste segmento, que se caracterizam por oferecer, além da tradicional ração, uma série de produtos, que vão desde os mais básicos, como petiscos, vacinas, remédios, serviços de banho e tosas etc. até a oferta de alguns serviços para pets mais “inusitados” como bolo de aniversário, hotel de luxo etc. (PESSANHA e PORTILHO, 2008; KULICK, 2009). Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abinpet), estima-se que em 2013 o mercado pet faturou no Brasil R\$ 15,4 bilhões, o que representa um aumento de 8,3% em relação a 2012. Tais cifras colocam o país em segundo lugar em nível mundial no consumo de produtos voltados aos “pets”, atrás apenas dos Estados Unidos²⁶¹.

Estes dados demonstram a presença e importância destas relações em nossa sociedade contemporânea, e algo desta dimensão não poderia deixar de ser analisado nas Ciências Sociais. Embora estudos antropológicos sobre esta dinâmica social estejam engatinhando no Brasil, nos últimos anos floresceram muitas pesquisas acadêmicas abordando a relação entre humanos e animais (PASTORI, 2012; DOMINGUES, 2012; SANTOS e RAMÍREZ-GÁLVEZ, 2012; SEGATA, 2012; PESSANHA e PORTILHO, 2008; OLIVEIRA, 2006).

²⁶⁰ É importante esclarecer, no entanto, que estes números surgem, provavelmente, de pesquisas amostrais não representativas e de cálculos realizadas a partir de estimativas de demanda de produtos para pets, tais como, a demanda por rações.

²⁶¹ Dados obtidos no site da Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abinpet), disponível em <http://abinpet.org.br/imprensa/mercado-pet-deve-faturar-r-154-bilhoes-em-2013/>.

Segundo Pastori (2012) estes trabalhos antropológicos buscam em geral responder as questões da transformação das relações entre humanos e animais, as práticas discursivas e não discursivas entre ambos, e convergem afirmando estar surgindo um novo estatuto da condição animal, na qual estes parecem possuir cada vez mais agência na relação com humanos.

Na sociedade ocidental houve uma ruptura entre aquilo que definimos como tipicamente humano, daquilo que definimos como tipicamente animal (SANTOS e RAMÍREZ-GÁLVEZ, 2012). Muitos pensadores criticam o lugar atribuído aos animais em nossa sociedade ocidental, questionando o antropocentrismo moderno, interrogando dicotomias tais como natureza/cultura, corpo/mente, que fundamentaram a separação animal/homem como entidades ontologicamente diferentes e que organizam o pensamento ocidental desde Aristóteles (INGOLD, 1995; HARAWAY, 2011; DESCOLA, 1998; DERRIDA, 2002; KULICK, 2009; OSÓRIO, 2012). Na forma de entendimento estabelecida no mundo ocidental concebe-se que o ser humano seja superior aos animais ao se atribuir ao primeiro consciência, raciocínio, linguagem e capacidade de elaborar um instrumental simbólico culturalmente construído.

Esses estudos antropológicos rompem com a tradicional posição constituída pelas Ciências Humanas que dirigem seu olhar para o homem e a sociedade, concebendo que os homens são os únicos ou principais sujeitos a caracterizar este social. Em seu lugar propõem que não existe uma essência prévia de sujeito, pelo contrário este sujeito é contingente, e sua ação emerge das infinitas articulações entre estes elementos, sejam ele humano, animal, natural ou objetos (LATOUR, 2012).

Atualmente os animais de estimação vêm progressivamente perdendo suas tradicionais funções utilitárias, como a de caça e de guarda, sendo que novas práticas e dinâmicas sociais vêm emergindo. Nesta configuração, a interação entre os homens e os animais domesticados tem ganhado contornos afetivos, com o qual o animal de companhia elevou-se à categoria de membro da família, sendo perceptível sua agência, que os transforma em sujeitos nesta relação (PASTORI, 2012).

Buscando nos aproximarmos destas questões mais recentes de investigação antropológica, que dizem respeito à relação entre humanos e animais, foi proposto como

objetivo desta pesquisa a tabulação e análise da informação sobre posse de mascotes em 282 domicílios de japoneses e/ou seus descendentes moradores da cidade de Maringá – PR.

Os dados analisados nesta Iniciação Científica foram coletados em um formulário fechado complementar sobre posse de animais de estimação entre domicílios de descendentes japoneses em Maringá (PR), incluído na pesquisa quantitativa “*As redes sociais nas migrações internacionais: os migrantes brasileiros para os EUA e Japão*”, realizada nas cidades de Maringá e Criciúma, no ano de 2001, financiada pela FAPESP e coordenada por Teresa Sales.

Ao serem feitos os levantamentos iniciais, chamou a atenção da pesquisadora Elisa Massae Sasaki, responsável pelo trabalho de campo em Maringá, a quantidade de lares que tinham animais de estimação. Aproveitando a infraestrutura montada para a pesquisa principal, esta pesquisadora desenhou um questionário adicional, voltado especificamente para indagar se nos domicílios incluídos para a pesquisa havia animais de estimação, qual tipo de mascote, o nome dado aos mesmos e a forma como estes foram adquiridos. A análise dos dados será apresentada a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Posse de animais:

Tabela 1 – Posse de animais de estimação Maringá, 2001.		
Respostas	Quantidade de domicílios	Porcentagem da amostra
Sim	170	60,28%
Não	109	38,65%
Não respondeu	3	1,06%
Total	282	100%

Fonte: Pesquisa Amostral.

A tabela 1 apresenta a quantidade de domicílios de descendentes de japoneses que possuem pelo menos um animal de estimação. Do total destes lares, 60,28% disseram possuir algum animal, sendo que 38,65% não possuem animal e 1,06% não responderam a esta questão.

Os números apresentados são muito próximos ao percentual apresentado em outras pesquisas, que apontam que 60% dos lares possuem animal de estimação (DOMINGUES,

2012). Em relação à Pesquisa nacional *Radar PET* (SINDAN, 2009), os dados nos mostram que as porcentagens de domicílios com animais de estimação variaram de cidade para cidade. Contudo, os dados obtidos em nossa amostra são próximos daqueles encontrados na região sul do Brasil, onde Curitiba tem 55% de lares com animais e Porto Alegre com 56%.

2. Quais espécies animais foram encontradas

A variável do formulário que indagava qual espécie animal foi adotada como de estimação apresentava os seguintes campos: cachorro, gato, pássaro, peixe e outros, com a possibilidade de anotar qual “outro” animal existia na casa. Logo abaixo havia um campo em aberto, em que o entrevistador poderia anotar detalhes que julgasse importante. Este campo, geralmente, foi usado por alguns entrevistadores para anotar a raça do animal.

Tabela 2 – Espécies de animais de estimação por domicílio, Maringá 2001.		
Espécies animais	Quantidade de domicílios	Porcentagem da amostra
cachorro	111	65,29 %
cachorro, gato	11	6,47 %
cachorro, gato, pássaro	1	0,59 %
cachorro, gato, peixe, coelho	1	0,59 %
cachorro, pássaro	8	4,71 %
cachorro, pássaro, hamster	1	0,59 %
cachorro, pássaro, peixe	1	0,59 %
cachorro, peixe	7	4,12 %
cachorro, tartaruga	1	0,59 %
gato	12	7,06 %
hamster	3	1,76 %
pássaro	8	4,71 %
peixe	3	1,76 %
sem resposta	1	0,59 %
tartaruga	1	0,59 %
Total	170	100,00 %

Fonte: pesquisa amostral.

Nota: o número total de 170 domicílios corresponde àqueles lares que possuem ao menos um animal de estimação.

Podemos visualizar na Tabela 2 a extraordinária preferência pela adoção de cães como animais de estimação dos domicílios com 65,29% dos casos. Se somarmos aqueles que

possuem cães e outras espécies animais esse percentual chega a 83,54%, mostrando uma presença contundente da espécie canina entre as pessoas que têm algum mascote. O segundo animal mais adotado como de estimação foram os gatos com 7,06% dos casos. As residências que possuem cães e gatos somam 6,47% dos casos, número pouco expressivo.

A pesquisa *Radar Pet* realizada pelo Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (SIDAN, 2009), demonstra que 79% dos lares brasileiros possuíam cães, 10% somente gatos e 12% cães e gatos. Fundamentados nesta informação podemos afirmar que os descendentes de japoneses de Maringá possuíam maior predileção por adotarem cães como mascotes que o restante da população.

No campo aberto do formulário para o entrevistador escrever “Detalhes”, geralmente, foi usado para se referir às raças caninas, sendo citadas as seguintes: Akita, Basset Hound, Border Collie, Boxer, Cocker Spaniel, Dálmatas, Fila, Fox Paulistinha, Golden Retriever, Lhasa Apso, Pastor-alemão, Pastor-belga, Pinscher, Pitbull, Poodle, Yorkshire e sem raça definida. Quanto às raça felina foram citadas a Angorá, Persa e Siamês. Já os pássaros eram calopscitas e canários; também foi citada a raça do único coelho da amostra: californiano.

3. Como foram adquiridos os animais:

Esta variável do formulário era uma pergunta aberta, sem categorias predefinidas, sendo possível que o entrevistado respondesse a questão informando aquilo que ele achava relevante, surgindo, portanto, uma diversidade de respostas. Buscou-se uma padronização do conteúdo das mesmas visando obter uma análise numérica destes dados qualitativos. Desse modo, formulamos as seguintes categorias para análise: ganhou; adotou (tanto em abrigos, quanto recolhimento do animal na rua ou em outras condições de abandono), comprou (em pet shops, lojas agropecuárias, criadores), cria (filhotes de um animal do próprio domicílio) e não sabe (a forma de aquisição do animal era desconhecida pelo entrevistado).

Tabela 3 – Como adquiriu o animal, Maringá, 2001.		
Formas de aquisição	Quantidade de domicílios	Porcentagem da amostra
ganhou	80	50,31 %
comprou, ganhou	17	10,69 %
comprou	34	21,38 %

adotou	9	5,66	%
comprou, cria	4	2,52	%
ganhou, adotou	6	3,77	%
ganhou, cria	1	0,63	%
ganhou, cria, adotou	1	0,63	%
comprou, adotou	1	0,63	%
não sabe	1	0,63	%
cria	1	0,63	%
cria, adotou	3	1,89	%
comprou, ganhou, adotou	1	0,63	%
Total	159	100,00	%

Fonte: Pesquisa amostral.

Nota: o número total de 159 domicílios corresponde àqueles lares que possuem ao menos um animal de estimação e responderam esta variável.

Na Tabela 3 podemos observar que, praticamente, a metade dos domicílios ganharam os animais de estimação (50,31%). Se somarmos as casas onde ao menos um animal foi ganho esse número chega a 66,66% dos casos. Já os moradores que declaram ter comprado ao menos um animal correspondem 35,85%, da amostra. Aqueles que afirmaram ter em sua casa ao menos um animal resgatado das ruas perfazem 13,21% do total. Os casos de filhotes nascidos de animais da própria residência somam 6,3% da amostra.

Os motivos que levaram à aquisição dos animais são os mais variados, em alguns casos a motivação era definida por fins utilitários, como a caça a roedores, em quanto que em outros casos, encontramos relatos de adoção do animal em momentos de fragilidade emocional. Também foram registradas as justificativas daqueles domicílios em que não haviam animais de estimação, estas remetem a questões de saúde, como alergia a pelos; à falta de tempo; por morar em apartamento e não possuir espaço ou ser proibido; por que não gostam de animais de estimação.

4. Nomes dos animais

Embora as teorizações sobre nomeação tenham de debruçado sobre a nomeação de pessoas, vemos que o ato de nomear pode nos dizer muito mais coisas do que aparentemente se pode deduzir (LEVI-STRAUSS, 1989) e, por analogia, tentamos pensar aqui algumas questões a respeito.

O nome faz parte da pessoa (sujeito) identificando-a e este nome parte do mundo que circunscreve e que ao identificar o sujeito tem o poder de dizer quem ele é. Buscamos compreender “quem” é este animal em nossa sociedade contemporânea, pois muitos autores apontam para uma transformação ontológica do *status* animal. O ato de nomear é um passo central na constituição social da pessoa (PINA CABRAL, 2008), analogamente pode-se afirmar que ao individualizar o animal com um nome próprio, está-se construindo sua identidade e esta informa muitas referencialidades não conscientes daquele que nomeia, portanto o processo de nomeação pode indicar o lugar social dos animais na sociedade contemporânea.

No Pensamento Selvagem, Levi-Strauss (1989) discorre sobre as formas como a sociedade francesa nomeia aves, cães, bovinos e cavalos de corrida. Segundo este autor, os termos que são utilizados para nominar essas espécies animais demonstram o quanto estes animais são considerados sujeitos, evidenciando de certa forma seu pertencimento à sociedade humana.

“Como os cães, o gado faz parte da sociedade humana, mas dela faz parte - se assim se pode dizer - a-socialmente, pois está situado no limite do objeto. Enfim, os cavalos de corrida, como as aves, formam uma série disjuntiva em relação à comunidade humana, mas, como o gado, desprovida de sociabilidade intrínseca.” (LEVI-STRAUS, 1989, p.232)

Para esse autor, os cães são geralmente nominados com termos metafóricos, como Azar, Médor, Sultão, Fido, Diana (este último, sem dúvida prenome humano, mas primeiro conhecido como mitológico), etc., pois ao se utilizar prenomes humanos em cães quase sempre se provoca um sentimento de mal-estar ou mesmo um leve escândalo na sociedade francesa.

Este mal-estar ou repulsa em nomear cães com prenomes habitualmente usados para humanos pode ser uma herança epistemológica do pensamento ocidental, que considera os seres humanos superiores aos outros animais (INGOLD, 1995).

Estas referências foram uma inspiração para fazermos uma análise dos nomes informados pela pesquisa. Primeiramente, nos dados aqui analisados, constatou-se que todos os cães e gatos possuíam um nome próprio, já as outras espécies animais – como tartarugas, pássaros e peixes – geralmente não recebiam prenome. Fazendo uma analogia com o

pensamento de Levi-Strauss (1989), pode-se afirmar que as espécies animais são nominadas conforme o sentimento de pertencimento em maior ou menor grau à sociedade humana e, neste sentido, cães e gatos podem ser considerados como mais próximos à sociedade humana ou, em alguns casos, como parte constituinte desta.

Percebemos que os prenomes de animais dados pelos moradores nos domicílios pesquisados em Maringá tinham algumas semelhanças entre si, sendo possível agrupá-los em quatro categorias. A primeira delas refere-se a termos que evocam alguma característica do animal, tais como a cor da pelagem, o tamanho, ou o temperamento do animal (como por exemplo, Pretinho, Pitiko). Também temos aqueles prenomes que são tradicionalmente atribuídos a cães e gatos (como Rex e Mimi). Outros termos eram metafóricos, ou seja, remetiam ou faziam alusão a personagens famosos, títulos nobiliários (como Duque, Dama). Incluímos nesta categoria nomes comumente usados para humanos em outras línguas (como Johnny, Bob). Por último, agrupamos aqueles que são nomes ou apelidos tradicionalmente usados para humanos (como Pâmela e Kiko).

Agrupar nomes segundo as categorias criadas foi algo trabalhoso, pois a inclusão em uma categoria ou outra demandou muita reflexão, dado que muitos termos pareceram-nos de difícil análise, uma vez que não sabemos a motivação do dono ao atribuir determinado nome ao animal. Portanto nossa intenção foi somente de fazer uma primeira aproximação dos possíveis significados, conscientes de que esta classificação pode ter equívocos por falta de conhecimento da origem etimológica ou cultural de alguns termos, assim como pela falta de uma informação qualitativa que permitisse indagar diretamente os/as proprietários/as sobre as motivações que levaram a escolherem um ou outro nome.

Tabela 4 – Nomes atribuídos aos animais de estimação, Maringá 2001.

Características do animal	Tradicionais atribuídos a animais	Metafóricos		Tradicionais atribuídos a humanos	Outros	
Amarelinho	Bibi	Alemão	Luna	Bianca	Bambaca	Ruana
Baixinha	Bidu	Aliska	Lussy	Brenda	Biru	Shim
Beta	Bille	Arcanine	Madonna	Conceição	Borí	Sisi
Bichon Frisé	Bingo	Bad	Maguinho	Deise	Braster	Teka
Bolinha	Catu	Banzé	Matel	Greice	Bumer	Tininha
Charmosa	Duque	Beise	Milka	Iohana	Catita	Tuila
Fê (Feioso)	Fifo	Benji	Miúcha	Juliana	Chalito	Tutruca

Kuro	Lacie	Bethoven	Mochi	Maria	Chit	Tutu
Gelinho	Laika	Bidu	Murphy	Pâmela	Coisinha	Volver
Gordinha	Lila	Bingo	Nike	Priscila	Costelinha	Wick
Godão	Lili	Bob	Pakita	Rebeca	Dof	Yurik
Haira	Max	Charlote	Penélope	Rômulo	Fllod	
Kuma	Mel	Chiquinha	Pidgeot	Samanta	Fluk	
Lobo	Mimi	Chiquitita	Pierce	Sheila	Flurô	
Magrão	Nana	Chuck Noris	Pinoko	Simão	Hander	
Malhado	Nina	Cindi	Princesa	Sofia	Hingue	
Manchinha	Pepito	Cissi	Priscila	Teobaldo	Iepe	
Mini	Pingo	Dama	Puff	Zé Flávio	Jambi	
Negão	Piti	Dino	Puffinha	Leo	Kittin	
Nego	Pitoko	Dog	Quiara	Nati	Laipinho	
Neguinha	Pitucha	Duque	Reno	Jully	Lia	
Neguinho	Pituquinha	Eros	Scotti	Juninho	Lonono	
Pausito	Pop	Estrelinha	Scubi	Priscila	Maxer	
Pelinho	Rex	Fiat	Shane	Teobaldo	Meisinho	
Persian	Tica	Fred	Sheik		Miche	
Pitiko	Tico	Hércules	Simão		Miki	
Pititico	Toquinho	Honey	Sniff		Nala	
Piu	Tuquinha	Hulk	Snoop		Ode	
Pompom		India	Spider		Panki	
Preta		Jamanta	Stuart		Pantia	
Pretinha		JK (Juscelino	Suzi		Péka	
Preto		Kubitschek)	Tiéri		Peki	
Puro		Johnny	Tigor		Pepeta	
Pysita		Joshi	Tulius		Piki Pintia	
Shiro		Jude	Verusca		Pipa	
Taro "Chairo"		Kiko	Xuxa		Pitó	
Tibe "Chibe"		Kid	Mine		Poti	
Tigre		Kim	Nonona		Protinho	
Tigreza		Lady			Rama	
Urso		Lilica			Rana	
Valenti		Lola			Rapa	

Fonte: Pesquisa amostral

Observa-se que os nomes dos animais informados pelos descendentes de japoneses trouxeram referências do universo cultural japonês, como é observado em alguns termos utilizados para nomear os animais que remetem às características físicas do animal, como kuro (preto), shiro (branco), Chibe (pequeno), Kuma (urso), Chairo (marrom), Mochi (bolinho de arroz). Outra referência importante ao se nomear cães está na sonoridade da palavra. É comum os nomes de animais serem termos curtos ou, em muitos casos, nomes mais extensos acabam sendo substituídos no dia-a-dia por apelidos, como o caso de um cão chamado

Frederico, que segundo relato do dono, acaba sendo substituído por Fred. Alguns nomes parecem ser escolhidos com esta motivação como o caso de mimi, peka, tutu, pipa, mel, bob.

O uso de nomes tradicionalmente atribuídos a humanos em animais de estimação nos inquietava desde o início da pesquisa, pois na sociedade brasileira parece haver certa indignação em se nomear animais, principalmente cães e gatos, com prenomes humanos. Foi com certa decepção que percebemos que estes casos eram numericamente inexpressivos entre os dados analisados. Como podemos notar na Tabela 4, esta situação ocorre em 9,02% dos casos, excluímos nomes de outras línguas, por considerá-los um personagem, ou mesmo como um subterfúgio para quem quer ter um animal com nome humano, mas não quer provocar desavenças com um possível homônimo da espécie humana.

Através destes dados pode-se afirmar haver resistências em nomear animais de estimação com prenomes tradicionalmente humanos, mas esta interdição parece ser contornada nomeando o animal com nomes tradicionalmente humanos provenientes de outras línguas, portanto, de outras teias de interação social, ou mesmo utilizando termos em desuso.

CONCLUSÃO

Segundo Oliveira (2006), os animais de estimação têm ocupado um novo lugar social, o que pode ser percebido na fala de muitos proprietários de cães e gatos, que se referem a eles por “filho” ou “filha”, nestas relações, os animais ocupam lugares híbridos, sendo tanto atores como objetos que, principalmente no âmbito doméstico, deixam de ser uma mera propriedade e assumem o *status* de sujeito, que possui intenções, vontades e agência, ao ponto de se tornarem “consumidores” de uma série de objetos e serviços para além dos cuidados básicos.

Esta pesquisa objetivou fazer uma análise dos dados obtidos nos domicílios de descendentes de japoneses em Maringá-PR, informações que nos permitem iniciar um diálogo com outras pesquisas nacionais sobre a relação entre humanos e seus animais estimação. Cabe também mencionar as limitações que os dados obtidos a partir de um questionário fechado trouxeram para esta análise, assim como as limitações concomitantes à realização de uma análise descontextualizada dos objetivos que deram lugar a esta pesquisa demográfica.

Buscamos, a partir da mesma, fazer uma aproximação com o atual debate na Antropologia que questiona a cosmologia ocidental, que separa domínios diferentes de natureza e cultura.

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Valéria Soares de; GOUVEIA, Aryane; HIRA, Robson e CARVALHO, Narciso de. Os animais de estimação como agentes de consumo. In: *Consumo e modos de vida*. Org: Organizado por Hertz Wendel de Camargo; Sonia Regina Vargas Mansano. Londrina: Syntagma Editores, 2013.
- BEVILAQUA, Ciméia Barbato. Chimpanzés em juízo: pessoas, coisa e diferenças. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 65-102, jan./jun. 2011.
- DANTAS, Maria Isabel. É preciso matar o porco: de humano a animal despersonificado. 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia. São Paulo, SP, 02 a 05 de julho de 2012.
- DERRIDA, Jacques. O animal que logo sou. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- DESCOLA, PHILIPPE. “A magia das roças”. As lanças do crepúsculo. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2006.
- _____. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, v. 4, n. 1, p. 23-45, 1998.
- DOMINGUES, Lídice Rodrigues. Posse Responsável de cães e gatos na área urbana do Município de Pelotas, RS. Dissertação de Mestrado, UFPel, 2012.
- DURHAM, Eunice R. “Chimpanzés também amam: a linguagem das emoções na ordem dos primatas”, *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol.46, n. 1: 85-153, 2003.
- FRANCIONE, Gary L. Introdução aos direitos animais: seu filho ou o cachorro?, Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.
- GÓMEZ, Luis Fernando. El ecofeminismo de Donna J. Haraway. *Revista Gestión y Ambiente*. Medellín: Vol. 15, n. 1, p. 165-206, Maio de 2012.
- HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: editora DP&A, 2005.
- HARAWAY, Donna. A Partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 27-64, jan./jun, 2011.
- _____. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Silva, Tadeu. Antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, vol. 10, n. 28, p. 39-54, 1995.
- _____. Introdução a O que é um animal. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*. Niterói, n. 22, p. 129-150, 1º Semestre de 2007.
- KULICK, Don. Animais gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies. *Mana*, Rio de Janeiro, vol.15, n.2, p. 481-508, 2009.
- LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaios de Antropologia Simétrica, Rio de Janeiro: editora 34. 1994.

- _____. Reagregando o social. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.
- LEVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Campinas, SP: Editora Papirus, 1989.
- LEWGOY, Bernardo; SORDI, Caetano. Devorando a carcaça: contracozinhas e dietas alternativas na alimentação animal. *Anuário Antropológico*, v. 2011/2, p. 159-175, 2012.
- MACIEL, Maria Esther (org.) Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- OLIVEIRA, Samantha Brasil Calmon de. Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção. Dissertação de Mestrado. UFRJ/IFCS/PPGSA, 2006.
- OSÓRIO, Andréa. Gatos também amam! Uma análise das perspectivas de protetores de gatos de rua. 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia. São Paulo, SP, 02 a 05 de julho de 2012.
- PAIXÃO, Rita Leal. Sob o olhar do outro. Derrida e o discurso da ética animal. *Revista Sapere Aude*. Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 272-283, 1º Sem. 2013.
- PALLÍ, Cristina. Diferencias que importan: Haraway y SUS amores perros. *Athenea Digital*. N.10, p. 239-249. Otoño de 2006.
- PASTORI, Érica Onzi. Perto e longe do coração selvagem: um estudo antropológico sobre animais de estimação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. UFRS, 2012.
- PESSANHA, Lavínia; PORTILHO, Fátima. Comportamentos e padrões de consumo familiar em torno dos “pets. IV ENEC – Encontro Nacional de Estudo do Consumo. Rio de Janeiro, RJ, 24 a 26 de setembro de 2008.
- PINA CABRAL, João de. Outros nomes, histórias cruzadas: apresentando o debate. *Etnográfica*. Lisboa, V.12, N.1, p. 5-15, maio de 2008.
- RABINOVICH, Elaine P., COSTA, Livia A. F. e FRANCO, Anamélia L. S. Famílias evangélicas baianas e o processo de nomeação. *Revista Psicologia e Sociedade*. Porto Alegre, V.20 N. 3, p. 417-424, 2008.
- SANTOS, Danilo Sanches. Entre humanos e animais: relações familiares na sociedade contemporânea. Projeto de Iniciação Científica, apresentado à UEL, Londrina, 2011.
- SANTOS, Danilo Sanches; RAMIREZ-GALVEZ, Martha. Entre humanos e animais: relações familiares na sociedade contemporânea. 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia. São Paulo, SP, 02 a 05 de julho de 2012.
- SEGATA, Jean. Uma nova epidemia: a depressão canina e os seus dispositivos. 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia. São Paulo, SP, 02 a 05 de julho de 2012.
- SIDAN (SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA SAÚDE ANIMAL). COMISSÃO DE ANIMAIS DE COMPANHIA. *Radar Pet*. Pesquisa realizada por Diferencial Pesquisa de Mercado. Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.crmvrs.gov.br/360.pdf>>. Acesso em: 11/05/2012.
- SIMONDON, Gilbert. Dos lecciones sobre el animal y el hombre. Buenos Aires: Ediciones La Cebra, 2008.
- SINGER, Peter. Liberação animal. Porto Alegre/São Paulo: Lugano, 2004.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac Naify, 5ª Ed., 2013.

WAWZYNIAK, João Valentin. Humanos e não-humanos no universo transformacional dos ribeirinhos do rio Tapajós-Pará. Revista Mediações. Londrina, v. 17 n.1, p. 17-32, Jan./Jun. 2012.